

Adesão ao Trabalho Jornalístico: uma reflexão sobre labor e categorias da Sociologia das Profissões

Dr. Robson Dias¹

Dra. Eliane Muniz Lacerda²

Resumo: Analisaremos alguns elementos constituintes da profissão de jornalista e possíveis contrastes com os modelos analíticos apresentados pela Sociologia das Profissões em busca de níveis de adesão ao trabalho jornalístico. No texto, a relação do jornalista com o labor é classificada em quatro categorias como sendo: sacerdócio (missão a ser cumprida); negócio (venda da mão-de-obra no mercado de trabalho); profissão (trabalho especializado com uma identidade específica); e emprego (trabalho apenas remunerativo sem vínculo identitário). O intuito é o de conhecer as conceituações e modelos analíticos que propiciem o entendimento da especialização do trabalho jornalístico. Desta forma, analisemos a relação do jornalista com o trabalho utilizando as tipologias: vocação e trabalho; profissão e emprego; sacerdócio e negócio.

Palavras-Chave: Jornalismo 1. Profissão 2. Sociologia das Profissões.

O Inato e Habitus

O conceito de *Habitus*³, do sociólogo BOURDIEU, pode ser aplicado à escolha pelo curso de jornalismo e profissão de jornalista, pois considera que o ator social⁴ se define por seus gostos e estilo de vida. Desta forma, a escolha profissional pode vir não só de uma lógica estratégica, mas da associação de subjetividades de cada indivíduo. Essa relação evidencia uma compatibilidade do indivíduo com uma identidade profissional.

Para BOURDIEU (1998),

A existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesses específicos: através dos investimentos

¹Relações Públicas, Jornalista, especialista, mestre e doutor em Comunicação. Professor e pesquisador no PPGCOM/UCB

² Jornalista, mestre e doutora em Comunicação. Professora e pesquisadora no PPGCOM/UCB

³AZEVEDO, Mário. *Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu* in Revista Espaço Acadêmico, ano III, nº24, maio de 2003. Acessado em 10-11-2007. <http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm>

⁴“Em Bourdieu, quando se fala em atores sociais quer se dizer que eles: estão inseridos espacialmente em determinados campos sociais, a posse de grandezas de certos capitais (cultural, social, econômico, político, artístico, esportivo etc.) e o *habitus* de cada ator social condiciona seu posicionamento espacial e, na luta social, identifica-se com sua classe social. Bourdieu afirma que para o ator social tentar ocupar um espaço é necessário que ele conheça as regras do jogo dentro do campo social e que esteja disposto a lutar (jogar)” (ibidem)

indissoluvelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus*, o campo e aquilo que está em jogo nele produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho etc. [...] Todo campo, enquanto produto histórico, gera o interesse, que é condição de seu funcionamento⁵.

No caso do jornalista, há quem considere a escolha pela carreira motivada pela paixão. Na visão de STOQUE (2007)

Para muitos, jornalismo é mais do que profissão. É paixão. Quando se decide seguir essa profissão é preciso ter consciência de sua importância.

Jornalismo é paixão para aqueles que percebem o papel social da profissão. E exercer a profissão é acreditar na possibilidade de transformar o cotidiano de quem está a nossa volta. Dos que nos escutam. Que lêem nossas palavras, esperam ansiosamente nossa imagem na hora do jantar. Isso não tem preço⁶.

Já para FOLQUENING (2002),

Ao optar pela carreira de jornalismo, o estudante conta mais com uma imagem idealizada (ou romântica) da profissão do que com o anseio pela estabilidade econômica. Os estudantes apontam a possibilidade de desempenhar papel fundamental em esperadas mudanças sociais e capacitar-se para o exercício da cidadania ou para mobilização das massas⁷.

A pesquisadora LAGO (2002) acredita que exista um *Ethos Romântico*, no Jornalismo, que deve ser realizado sob o signo da paixão e do envolvimento⁸. Para a autora, esse *Ethos* seria um conjunto de disposições, percepções e valorações que jornalistas têm de si e do mundo⁹.

Para a autora, o *Ethos* jornalístico “resgata o comprometimento do sujeito jornalista”¹⁰ e “se dá em relação à profissão em si, que se confunde com uma missão a ser realizada”¹¹.

⁵(Bourdieu, 1998, p. 126-128)

⁶STOQUE, Lucas. *Tudo por uma paixão*, acessado em 10-11-2007.

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da20042000.htm>

⁷FOLQUENING, Vitor. *O Jornalismo é um Humanismo*. Pós-Escrito. Curitiba. 2002. p. 106

⁸LAGO, Claudia. *O Romantismo morreu? Viva o romantismo. O Ethos romântico no jornalismo*. Tese (Doutorado em Comunicação), USP. 2002

⁹Idem.

¹⁰LAGO, Claudia. *De romântico e de louco... Reflexões sobre o romantismo jornalístico*. Disponível em www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/2003/lago2003.doc. Acessado em 10-11-2007

¹¹Ibidem.

O *Ethos* da pesquisa de LAGO (2002) ressalta a característica do jornalista de se engajar em uma missão. Por mais que a escolha por uma profissão seja pessoal, a autora associa a subjetividade individual a uma identidade profissional coletiva ao referir-se a um *Ethos* romântico no jornalismo. Desta forma, o indivíduo adere ao grupo profissional do jornalismo por um critério vocacional.

A partir do quadro exposto, passaremos ao estudo de tópicos da *Sociologia das Profissões*, ramo específico da Sociologia, que trata da relação do indivíduo com o labor. Analisaremos a inserção do jornalista no meio profissional, além da aplicação de sua força de trabalho como uma missão (engajamento vocacional, missão social) ou como negócio (engajamento profissional, venda da mão-de-obra no mercado de trabalho).

Vocação e trabalho

A vocação como uma propensão natural do indivíduo para uma profissão tem relação direta com o trabalho. A visão social sobre o labor mudou com o advento do Capitalismo (século XV), sendo institucionalizada no processo que vai da Reforma Protestante (século XV) à Industrialização (século XVIII). A vocação por um ofício (antes desse período (século XV ao XVIII) era inspirada no referencial medieval de “expressão do amor ao próximo”¹². Assim, a divisão do trabalho tinha um acordo mútuo entre os indivíduos de que trabalhassem uns pelos outros para suprir suas necessidades básicas.

Com a Reforma Protestante, o trabalho deixou de ser uma forma de manifestação do amor ao próximo e de subsistência para se tornar um instrumento de reverência à própria divindade por meio do exercício das aptidões dadas por Deus. Para WEBER (1985),

A única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas do século, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo. Nisso é que está sua vocação¹³.

O pensamento então vigente era de que o homem nasce com dons e está predestinado a um propósito na terra. O trabalho se tornou uma característica inerente ao homem. Surgiu a compreensão de que o labor era uma virtude dada por Deus (a ser desenvolvida), além de ser uma obrigação (a ser cumprida).

¹² SOUSA, Paulo; LIMA, Luciana. *A racionalidade e a burocracia na teoria de Max Weber*. UFPR. 2002. p. 8

¹³ WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 1994. p.53

A vocação em relação ao trabalho era baseada no entendimento de predestinação do homem e seus dons. No século XV, Martinho Lutero designou o exercício dos dons como o caminho para a salvação.

Em um texto clássico acerca da transformação na relação do homem com o trabalho, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, WEBER (2001)¹⁴ utiliza o termo “espírito do capitalismo” conota a mola propulsora da geração e acumulação de riquezas: o trabalho. Até mesmo por ser a força motriz dos meios produtores dos bens de consumo. Com o advento da nova Ética Cristã, a Protestante, o labor passou a ser considerado como uma atividade confessional. Trabalhar era exercer os dons que Deus deu ao homem. Era cumprimento da missão do homem na terra.

O vocábulo “sacerdócio”, em sentido dicionarizado¹⁵, significa exatamente: “missão” ou “profissão honrosa”. Com o Protestantismo, o trabalho foi entendido como algo confessional, sacerdotal. Desta forma, os cristãos se sentiram liberados pelo próprio Deus para trabalhar. Houve a aceitação de papéis sociais vinculados ao labor. Uma nova divisão do trabalho e o acúmulo de capital foram incorporados à Ética Cristã. Tais mudanças afetaram os meios de produção e as relações capitalistas vigentes. WEBER (1985) ressalta que

O puritano queria tornar-se um profissional, e todos tiveram que segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob esse sistema¹⁶.

Durante o século XV ao XVIII, a idéia de trabalho foi impregnada pela idéia de missão ou sacerdócio. Durante o período de Industrialização, o trabalho passou a ser vinculado aos meios de produção foi separado do pensamento cristão. A lógica empirista da Ciência Moderna fez a idéia de vocação perder sentido. O pensamento crítico do método científico levou o homem a conhecer a realidade de outra forma. Assim, o trabalho foi absorvido por uma lógica do sentido teórico/prático. Perdeu sua vinculação à noção de sacerdócio, ou seja, ao aspecto confessional.

¹⁴WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 4 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

¹⁵Dicionário Aurélio On-line, <http://www.aureliopositivo.com.br/aurelio/default.asp>, acessado em 10-11-2007.

¹⁶(WEBER, 1994, p. 131)

Nessa fase (século XVIII), a ciência se vinculou à burguesia industrial e passou a produzir conhecimento aplicado aos empreendimentos capitais. A Universidade¹⁷ organizou os saberes específicos em campos e se impôs como ambiente de alta qualificação em formação profissional.

A partir desse contexto, a industrialização e o surgimento das zonas urbanas propiciaram a instauração da *Sociedade de Massas*¹⁸ como configuração sociopolítica. Os indivíduos se tornaram integrados a vários agrupamentos sociais. E as relações entre os grupos passaram a ser mediadas pela informação jornalística. J. RIBEIRO (2001) explica que

Com a Revolução Industrial na Europa e EUA, e aproveitando a existência de um vasto público alfabetizado, ávido de informações e de distração, cresceram as tiragens dos diários e caiu o preço do exemplar. A partir do início do século XX, a imprensa deslanchou como negócio. Criaram-se grandes conglomerados e redes: a imprensa passou por uma crise de crescimento e de ética, apresentando problemas de sensacionalismo, falsificação de informações e subserviência política.

Paralelamente ao processo do jornalismo e mesmo anterior ao surgimento da imprensa, a identidade (profissional e ética) dos jornalistas, seus principais agentes, também passou por metaforoses¹⁹.

Com a ascensão da burguesia industrial, a imprensa tornou-se palco de luta ideológica e difusão dos ideais de livre comércio e produção. A presença da publicidade nos jornais instituiu uma função particular que obrigava a delimitação de uma zona de neutralidade, imparcialidade e objetividade nas publicações. No caso do jornalismo, os países industrializados da Europa e América passaram a influenciar a estruturação das profissões dos países em desenvolvimento. No jornalismo brasileiro houve a consolidação de um modelo híbrido com características de dois referenciais de trabalho: o *Jornalismo Opinativo* (referencial europeu²⁰) e o *Jornalismo Informativo* (referencial americano²¹)²².

¹⁷A exceção de alguns períodos, designaremos a formação profissional em jornalismo feita em cursos acadêmicos como sendo em Universidades. Há cursos em Faculdades e outros tipos de instituições, mas apenas em alguns enunciados é imprescindível esse tipo de caracterização.

¹⁸ORTEGA Y GASSET.

¹⁹RIBEIRO, Jorge Cláudio. *A ética como fator de resistência no jornalismo*. PUCSP. PCLA. Volume 3. número 1. 2001

²⁰A fase européia de influência sobre o jornalismo brasileiro data de 1808 (vinda corte portuguesa) até o início do século XX (chegada das máquinas de produção de jornal em série). O relato jornalístico era baseado em opinião, os profissionais eram pessoas públicas influentes na sociedade nos campos da política, literatura e econômica.

Trabalho Jornalístico: sacerdócio ou negócio

Historicamente, a imprensa foi veículo de idéias e propostas guiadas por um espírito libertário, de busca da verdade e de denúncia de injustiças. J. RIBEIRO (2001) pontua que freqüentemente qualificações como “estalão do progresso”, “defensora do povo”, “evangelho da democracia” e “sagrada indústria” eram empregadas ao universo do jornalismo²³.

A América Latina sofreu influência do processo histórico de colonização européia e do relacionamento econômico com os EUA. O caso brasileiro não é diferente. No tocante ao jornalismo, também houve estruturação híbrida que levava em conta dois referenciais técnicos de produção da notícia: o europeu e o americano.

De acordo com STEINBERGER (2000), ter dois referenciais técnicos em jornalismo acarreta práticas contraditórias no seguinte aspecto:

Enquanto os norte-americanos adotam a concepção de que a imprensa é um negócio, os europeus vêem a profissão como um sacerdócio (...) Boa parte dos conflitos éticos no campo jornalístico origina-se da dificuldade de conciliar esses opostos²⁴.

A socióloga PACCOLA (2003) diz que STEINBERGER (2000) utiliza a idéia de Danton Jobim²⁵, diretor de redação do Diário Carioca na década de 50.

Durante a gestão do referido jornalista no Diário Carioca, aconteceu umas das mudanças mais importantes no jornalismo brasileiro, tendo como modelo os jornais norte americanos. A fala original de Danton Jobim (2000) sobre esse evento é

²¹A fase americana se consolida com a industrialização da produção da notícia, em 1960. Com a chegada de técnicas objetivas como o Lide e Pirâmide Invertida surge o Jornalismo Informativo. Há um novo conceito do que é ser profissional com ênfase na competência técnica, formação acadêmica de jornalistas e cursos corporativos de reportagem.

²²Já exposto no capítulo anterior.

²³RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre Alerta- condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo, Olho d'Água/ Brasiliense, 1994, p. 31

²⁴STEINBERGER, Margarethe. *A ética do jornalismo latino-americano na geopolítica da pós-modernidade*. In Dowbor, Ladilau; Ianni, Octávio; Resende, Paulo-Edgar A.; Silva, Hélio (orgs.) *Desafios da comunicação*. Petrópolis. Vozes. 2000. p. 179

²⁵(PACCOLA, 2003, p. 84)

“Os americanos prontamente reconhecem a verdade: que produzir um jornal diário nesta era é um negócio. Os europeus e os latino-americanos gostam de falar da sua profissão como se ela fosse um sacerdócio (...) Esta mentalidade é uma reminiscência da época em que o jornalismo de opinião ou de doutrina era dominante (...)”²⁶

A doutrina dominante a qual Danton Jobim se referia é o *Jornalismo Opinativo* que regia as relações de trabalho antes da chegada do pressuposto da *Objetividade* com a revolução empresarial na área que fez do Jornalismo um negócio. Na visão de J. RIBEIRO (2001)

O Jornalismo foi até comparado ao púlpito. Fernando Pessoa escreveu num jornal que a religião e o Jornalismo são as únicas forças verdadeiras; o Jornalismo é um sacerdócio porque tem a influência religiosa dum sacerdote. Essa tradição do jornalista boêmio, criativo, altamente vocacionado e um tanto subversivo perdura até hoje no imaginário da sociedade, sendo elemento inspirador de crescentes contingentes de jovens que procuram a profissão. No entanto, instaurou-se uma crise de identidade desde que essa imagem heróica do jornalista se viu massacrada pelas empresas. O profissional viu-se ferido em seu íntimo e em sua atividade sofreu uma metamorfose semântica. O jornalista deixou de ser aquele que milita no Jornalismo para tornar-se aquele que trabalha num jornal²⁷.

O escritor, e jornalista, Ruy Barbosa, viveu essa crise de identidade e o confronto desses dois padrões de engajamento na profissão. Na observação de L. RIBEIRO (2004)

Defensor da imprensa como sacerdócio, foi-lhe particularmente penoso conviver, no início do período republicano, com o declínio do Jornalismo de grandes causas, que já não correspondia às expectativas de debates sobre problemas mais imediatos da vida urbana (...) Ruy Barbosa sentia-se deslocado ao dividir espaço com gêneros informativos e publicitários, organizados numa paginação sustentada por manchetes chamativas, ilustrações e outros recursos voltados para a atração do público.

É importante ressaltar esta “experiência negativa” de Ruy Barbosa como fator demonstrativo da maturação de mudanças iniciadas já nas últimas décadas do século XIX com a urbanização²⁸.

L. RIBEIRO (2004) destaca que o Jornalismo para Ruy Barbosa não era a sua única ocupação, nem sequer a principal.

²⁶SILVA, Juremir. *A miséria do jornalismo brasileiro: As (in)certezas da mídia*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 78

²⁷RIBEIRO, Jorge Cláudio. *A ética como fator de resistência no jornalismo*. PUCSP. PCLA. Volume 3. número 1. dezembro 2001

²⁸RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e esfera pública: o processo de institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)*. Rio de Janeiro. E-papers. 2004. p. 23; 93

antes do Jornalismo vinham suas obrigações e vínculos contratuais como advogado de escritório privado, do qual provinha seu sustento financeiro. De acordo com o seu próprio depoimento, não exerceu o Jornalismo com fins de lucratividade pessoal, tendo sido muitas vezes pouco ou não remunerado pelo seu trabalho nesta área. Interessava-lhe, sobretudo, o ingresso e reconhecimento no campo político parlamentar. Sua carreira política demonstra a medida de sua vitória nesse propósito²⁹.

A postura de Ruy Barbosa³⁰ com o engajamento vocacional e esporádico no Jornalismo não teria vez na contemporaneidade. Tampouco, a dedicação à atividade de forma subsidiária.

Para MENDES (1997), a percepção profissional do que vem a ser o fracasso e o sucesso é um aspecto importante e construído por meio da oposição entre a dedicação total e a “preguiça”³¹.

Para MENDES (1997) os jornalistas mais velhos, do *Jornalismo Opinativo*, são “anti-profissionais”³². Enquanto que os outros (oriundos do processo de profissionalização, do modelo de *Jornalismo Informativo*) buscam monopolizar a qualificação de “profissional modelo”³³, em uma espécie de violência simbólica.

Parte do campo profissional do Jornalismo aceita a imposição ostensiva dos pressupostos de *Objetividade*. A outra parte não tem nem força para contestar. MENDES (1997) explica que

É o pressuposto de Objetividade que traz o profissionalismo à atividade jornalística. Há a concepção de uma especialização e dedicação ao labor. O processo de institucionalização do Jornalismo como profissão no Brasil data da chegada desse referencial.

O que era chamado de Jornalismo Romântico, ganhou inferência de incompetência. A passionalidade no lidar com a profissão foi condenada a objetividade, proclamada a meta principal, a fim de conquistar mentes e corações do público em um novo momento histórico que se firmava.

Houve uma espécie de ruptura entre um padrão de comportamento disseminado desde o Brasil colônia e outro que se auto-proclama mais jornalístico ou profissional, surgido no

²⁹(RIBEIRO, 2004, p. 92)

³⁰J. RIBEIRO cita Cipriano Barata, Frei Caneca, Machado de Assis, José de Alencar, Euclides da Cunha e Carlos Drummond de Andrade como outros políticos e escritores que também exerciam de forma subsidiária a atividade jornalística. (RIBEIRO, Jorge C. *Sempre Alerta- condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo, Olho d'Água/ Brasiliense, 1994, p. 19-35)

³¹MENDES utiliza o termo “preguiça” no sentido de pouca ou baixa adesão ao trabalho. (MENDES, 1997, p. 72)

³²“Anti-profissionais” para o autor é no sentido de opor-se ao processo de profissionalização e ao status de profissional (MENDES, 1997, p. 71)

³³“Profissional modelo” para o autor é o padrão evocado pelos jornalistas a favor do processo de profissionalização e do status de profissional (MENDES, 1997, p. 71)

começo da década de 60. Porém, como elementos tanto de um, como de outro modelo se mantiveram apesar das transformações, os conflitos se estabelecem na caracterização do que é o novo e o velho, o ultrapassado e o modernizante, numa forma equivocada, linear de perceber a trajetória da profissão³⁴.

MENDES (1997) pontua que a força do Jornalismo brasileiro está principalmente no segmento prático da profissão de interferência na realidade político-social do país, mas também na institucionalização da atividade jornalística em aspecto legal, o que contribui para a autonomia do campo e o monopólio dos processos de produção na área pelos membros constituintes do campo jornalístico.

MENDES (1997) declara que o Jornalismo no Brasil não pode ser considerado uma profissão fraca. A afirmação do autor é baseada nos estudos de FREIDSON (1997) que elaborou na *Sociologia das Profissões* um tipo ideal de estruturação das profissões ditas “fortes”³⁵. São requisitos:

- A aplicação de um corpo especializado de conhecimento na prática da atividade, dentro do mercado de trabalho formal, para o sustento dos praticante, requerendo familiaridade com conceitos abstratos e teorias, o que lhe confere certo status
- Os integrantes do campo profissional devem possuir jurisdição sobre o corpo do conhecimento necessário a sua prática e sobre a organização da forma particular de divisão do trabalho que a atividade possui.
- Os integrantes devem possuir mecanismos de proteção dos praticantes no mercado de trabalho, através da concessão de credenciais que afirmem a sua competência para exercer tarefas
- A profissão deve ter programas de treinamento, ou cursos, que têm lugar fora do mercado de trabalho, em faculdade associadas a universidades. Seus currículos são estabelecidos e controlados pelos membros da profissão³⁶.

Em analogia à tipologia de profissão forte de FREIDSON (1997), podemos identificar que no contexto brasileiro o Jornalismo emergiu como profissão forte a partir do advento do referencial de *Objetividade*³⁷, nos anos 60³⁸. Nesta fase, surgiram os planos de ensino dos cursos de Jornalismo e de

³⁴(MENDES, 1997, p. 67-68)

³⁵A conceituação de profissão “forte” de FRIEDSON leva em conta elementos de consolidação do processo de profissionalização de dada carreira ou atividade.

³⁶FREIDSON, Eliot. *A framework for the comparative study of professions. Paper preparado para a conferência da ANPOCS*. Mimeio. 1995. p..23 apud (MENDES, 1997. p. 19)

³⁷Tema explorado na seção *Contornos do Jornalismo*.

³⁸Historicamente, no Brasil, a adesão do jornalista ao *Jornalismo Opinativo* foi hegemônica até os anos 60. Com a estruturação de um mercado noticioso, a partir do referencial de *Objetividade*, o *Jornalismo Informativo* passou a ser o padrão de técnica utilizada na produção de textos jornalísticos.

Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo), a segmentação do mercado com o registro/expedição de carteiras de trabalho e a regulamentação da profissão.

O referencial de *Jornalismo Informativo* emergiu como hegemônico, mas não extirpou as práticas de *Jornalismo Opinativo* do cotidiano profissional e nem das notícias veiculadas na imprensa. A co-existência destes referenciais é percebida já na formação profissional nos cursos universitários.

FOLQUENING estudou a consciência dos estudantes de Jornalismo sobre o humanismo³⁹ inerente à atividade jornalística. Uma de suas entrevistadas evidencia bem o conflito de dois referenciais de Jornalismo (*Jornalismo Opinativo* e *Jornalismo Informativo*) já no curso graduação.

“Tem alguns professores que falam de ter emprego, de que o importante é saber fazer bem as coisas para encontrar um lugar no mercado de trabalho. Tem outros que parecem achar que o Jornalismo é igual a um igreja que vai salvar a humanidade, que a gente tem que saber tudo e entender de tudo para resolver os problemas do mundo inteiro”⁴⁰.

O que evidencia uma ambigüidade do perfil do jornalista em formação que, ora oscila para a intervenção social, ora para a mera aplicação da mão-de-obra frente a uma demanda do mercado de trabalho. A dualidade no perfil do jornalista brasileiro é inerente à categoria profissional. Para SENRA (2002)

Por ser uma profissão eternamente “candidata”, sem os contornos originários de uma autêntica atividade profissional, a identidade profissional do jornalista padece de uma ambigüidade, por assim dizer, histórica. Esta ambigüidade, que tem presidido o auto-reconhecimento do profissional, e que talvez esteja igualmente na origem da necessidade recorrente de acentuar as linhas de um perfil por si mesmo pouco definido⁴¹

De acordo com a legislação brasileira, as empresas de comunicação não têm que ser necessariamente dirigidas ou gerenciadas por profissionais da área⁴² de Jornalismo. A partir desse fato, MENDES (1997) declara que o controle das atividades jornalísticas na divisão do trabalho não é privativo de jornalistas⁴³. Tal declaração é baseada no fato dos jornalistas não terem controle total da

³⁹FOLQUENING é da mesma linha de pensamento de Cláudio Abramo, *Jornalismo é Humanismo*, que entende a atividade jornalística como ligada à dimensão do homem no meio social.

⁴⁰(FOLQUENING, 2001, p. 138)

⁴¹(SENRA, 1997, 14) apud (FOLQUENING, 2002, p. 138)

⁴²Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, conhecida como Lei da Imprensa.

⁴³Ibidem.

notícia como produto. Para o autor, apesar de a produzirem, não são donos inteiramente de seu trabalho, e evocam para si certo “glamour”:

MENDES (1997) destaca que

No caso do Jornalismo brasileiro, os aspectos contraditórios do mundo profissional a que esta modalidade de trabalho pertence parecem criar um clone do que a profissão é para dissimular o que ela gostaria de ser, onde deseja chegar. Sobre um palco onde a característica principal do texto encenado é a emoção, a imprensa lança mão do sensacionalismo, da tragédia cotidiana, da construção de uma agenda nacional, do debate comprometido, da denúncia; e investe-se da condição de porta voz da insatisfação popular. Assim, estabelece um papel social e uma identidade para si, o que coloca a profissão com determinado status no conjunto das outras.

Existe uma necessidade e uma atração do glamour que a profissão exerce sobre os que nela trabalham. Ao lado da missão do ser jornalista, do fazer Jornalismo, observa-se a emoção do mostrar-se jornalista⁴⁴.

MENDES (1997) afirma que as profissões têm força no meio social quando combinam dois fatores⁴⁵:

- a capacidade de criar seus próprios problemas para depois desenvolverem o conhecimento abstrato para solucioná-los
- a capacidade de monopolizar o desempenho de uma atividade especializada para a qual há uma demanda externa vinda da sociedade⁴⁶

A imprensa se institucionalizou como negócio ao reivindicar a importância ao trabalho dito profissional. Para MENDES (1997), a partir do pressuposto de *Objetividade*, a ênfase sobre a técnica impôs “uma aura em torno da profissão que evidencia como legítimo só a prestação de serviço com o intuito de informar objetivamente”⁴⁷.

A atividade jornalística foi como um sacerdócio para gerações. Era um meio de expressão e circulação de idéias na sociedade. A influência do processo de profissionalização e a instauração de um mercado noticioso contribuíram para contextualização do trabalho jornalístico como ferramenta de um meio produtivo.

⁴⁴(MENDES, 1997, p. 79)

⁴⁵São distintos: o conceito de “profissão forte” de FRIEDSON (1997) de “profissões que têm força no meio social” de MENDES (1997).

⁴⁶(MENDES, 1997, p. 77)

⁴⁷(MENDES, 1997, p. 80)

Se havia uma relação do jornalista com o trabalho de forma religiosa e cívica, passou a existir um elo de ordem funcional e materialista. Nesse sentido, tomemos a discussão da atividade jornalística na perspectiva profissão ou emprego.

Jornalismo: Profissão ou Emprego

A *Sociologia das Profissões*⁴⁸, ou *Sociologia das Ocupações*, distingue o termo profissão e emprego⁴⁹. Esses conceitos serão utilizados apenas para visualizar a estruturação da carreira jornalística. Embora não seja nosso objetivo na presente pesquisa esgotar questionamentos sociológicos desses itens. Cremos ser importante discorrer acerca da relação entre jornalista e labor. Tal relação incorre em diferentes tipologias e formas de adesão ao trabalho. Segundo LATTMAN-WELTMAN (1992),

Os tipos podem ser definidos em função de diferentes formas de se auto-avaliar em termos de posicionamento ocupado em hierarquias de prestígio e em termos de remuneração relativa obtida, e se também é lícito pensar em diferentes tipos conforme a presença, ausência e características das perspectivas e alternativas dos seus projetos, isto se deve, entre outros fatores, a que as quatro características, ou melhor dizendo, propriedades citadas do pertencimento ao campo jornalístico - emprego carreira, profissão, ofício - existem na maioria das vezes, enquanto potencialidade que, na prática, podem se mostrar até mesmo como auto-excludentes; assim, por exemplo, ser “empregado” não significa necessariamente ter acesso à “carreira” ou à prática do “ofício”, e pode mesmo significar a não-efetivação da “profissão”. Daí, também que tais propriedades e suas efetivações ou não-efetivações, em cada caso particular, funcionem como verdadeiros sinais dos posicionamentos individuais nas hierarquias (o que, por outro lado, chama a nossa atenção para o fato de que a objetividade “por trás” das auto-avaliações pode passar bem longe de indicadores pretensamente mais objetivos, tais como o salário real e a função no quadro hierárquico oficial da empresa)⁵⁰

⁴⁸As principais contribuições para a sociologia das profissões foram feitas por WEBER, M. (*Economie et société*. Tradução francês Chavy et de Dampierre. Paris: Plon, 1971); DURKHEIM, E. (*A divisão do trabalho social e Lições de sociologia: a moral, o direito e o estado*. Várias edições. Livro I, Capítulo VII: Solidariedade orgânica e solidariedade contratual); PARSONS, T. *The social system e The professional and social structure*. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1951, de acordo com BOUDON, R. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ed. Ática. 2000

⁴⁹Alguns autores preferem os termos “ofício” e “ocupação” ao invés de “emprego”.

⁵⁰LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *Jornalistas: agenciando a cidadania, publicizando o privado*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFRJ. 1992. p. 96

LATTMAN-WELTMAN (1992) identifica tipos de jornalista que se diferenciariam por fatores particulares relativos ao “investimento”⁵¹ no ofício de trabalhar numa empresa jornalística. Os fatores que os diferenciam são

1) ser empregado, mormente como assalariado (e não faz, no caso, muita diferença se como “free lancer”), em uma empresa (seja esta pública ou privada);

2) ter acesso (ao menos potencial) a uma carreira, delimitada, a princípio, pela existência de hierarquias formais e informais num “mercado interno de trabalho” (a redação), informais no mercado de trabalho como um todo, e até mesmo fora deste (em ramo próximos, tanto em termos mais técnicos, como publicidade, quanto em termos sociais mais abrangentes como a política por exemplo);

3) poder ser um profissional, ou seja, um trabalhador de algum modo qualificado e (talvez de modo mais decisivo ainda) juridicamente especificado para o desempenho de tarefas consideradas de interesse público e que dizem respeito a um ideal de funcionamento da sociedade e da ordem política, mais especificamente;

4) e, finalmente, ter acesso (mais uma vez, ao menos potencialmente) ao aprendizado empírico e ao desempenho de um ofício que oferece possibilidade de satisfação estética (ou lúdica) e de vivência de experiências diversas e não totalmente previsíveis.

A partir desse diagnóstico, LATTMAN-WELTMAN (1992) conclui que

“portar” uma “vocação jornalística” significaria, nos dias de hoje, ao mesmo tempo, necessitar e poder objetivamente escolher uma “profissão”, e, portanto, dotar aquilo que esse entende por ocupação de conteúdos tais como satisfação estética e/ou intelectual, perspectivas de obtenção de auto-valorização e de algo que poderíamos chamar de “experienciação existencial” etc. Desnecessário dizer que não são os membros de qualquer classe e/ou extrato sócio-econômico que podem, portanto, ter esta “vocação”, e que se mostrariam dispostos a arcar com custos e riscos inerentes a tal escolha, no Brasil de hoje⁵².

A *Sociologia das Profissões* entende que não há profissões com conhecimentos simplórios ou complexos. Não entraremos nessa demonstração em relação aos saberes em Jornalismo. Em apreço está o trabalho jornalístico e a relação com o profissional (com uma identidade constituída).

⁵¹A autor acredita que a adesão ao trabalho tenha custos, os quais chama de “investimentos”. (LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 94)

⁵²(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 94-95)

Essa ressalva é necessária, em vista das diferentes correntes de estudo sobre as ocupações. Para FRANZOI (2003),

O termo profissão assume diferentes conotações de acordo com a esfera e o idioma em que é utilizado. No entanto, ao fazer-se um balanço da sociologia das profissões, verifica-se a dificuldade de precisar conceitualmente o termo. Por exemplo, sociologia anglo-saxã reserva o conceito para as profissões ditas sábias, ou seja, que pressupõem formação universitária⁵³.

Para se exercer uma profissão é necessário que haja conhecimento especializado⁵⁴. No caso do emprego, não. A conceituação de emprego define saberes gerais que não precisam de grande esforço intelectual. F. LOPES (2007) avalia a identidade do jornalista de tal forma que

O papel de mediador que forma e educa está associada à suposição de que os jornalistas detêm mais informações e são mais capazes que as outras pessoas de chegar a percepções politicamente racionais. Essa suposição é inevitável, porque o exercício de uma função educativa pressupõe uma vantagem educacional. Nesse sentido, encontramos aqui mais uma importante representação em torno da qual o jornalista constrói sua identidade: a de intelectual⁵⁵.

A profissão está ligada ao conhecimento e à aplicação do saber profissional. Tanto que se exerce uma profissão; não se exerce um emprego. Um emprego se tem. Mesmo assim, os processos históricos podem convencionar saberes diversos em categorias específicas conferindo-lhes status de profissão.

Uma diferenciação entre profissão e emprego está no fato de que mesmo que a atividade seja remunerada, a busca do lucro não é o objetivo maior na perspectiva profissional. O *Dicionário*

⁵³FRANZOI, Nara. *Da profissão como profissão de fé ao "mercado em constante mutação" trajetórias e profissionalização*. Tese (Doutorado em Educação), UNICAMP. 2003. p.29

⁵⁴O conhecimento especializado retoma a idéia que tratamos de *Habitus*, pois o jornalista precisa estar integrado ao *modus operandi* do campo. Conceito de BOURDIEU (1983), na compilação de ORTIZ (1983), é definido como: "sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente reguladas e regulares sem ser o produto da obediência das regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente" (ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. Col. Sociologia. Ática, SP, 1983. Cap. 2 e 3.p. 61)

⁵⁵LOPES, Fernanda. *Auto-referenciação e construção da identidade jornalística*. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFRJ. 2007. p. 71

*Crítico de Sociologia*⁵⁶ ao definir o termo profissão exemplifica que um médico não pode escolher qual paciente atende ou não em função do pagamento dos serviços prestados.

Os domínios de cada atividade na profissão são estipulados pela categoria profissional em associações de classe, conselhos fiscalizadores da profissão, sindicatos, fóruns. Para COELHO (1999 apud 2006)

A regulamentação profissional (das profissões de nível superior) pressupõe, por lei, órgãos fiscalizadores, os Conselhos nacionais e regionais, [...] a organização das profissões regulamentadas descansava em três pilares, cada qual com função diversa:

-os Conselhos para a fiscalização do exercício profissional;

-o sindicato para encaminhar reivindicações de natureza trabalhista; e

-a associação para atender aos aspectos mais tipicamente normativos e associativos (código de ética, desenvolvimento profissional, etc.).

[No entanto,] o mecanismo básico de exclusão ou ‘fechamento’ do mercado de prestação de serviços profissionais era, e continua a ser, o do credenciamento educacional, a posse do diploma de nível superior⁵⁷.

TRAVANCAS (1993) afirma serem inúmeros os jornalistas que comparam a Medicina ao Jornalismo, pois “a medicina, tida como uma das mais nobres profissões, exige igualmente sacrifício e dedicação exclusiva”⁵⁸.

Os jornalistas estabelecem uma relação com a ocupação que é bastante específica, não sendo partilhada por outros profissionais. Talvez um pouco como os médicos, como vários deles ressaltaram, o Jornalismo como profissão exige de seus “eleitos” uma *adesão* (*commitment*) – termo utilizado pelo sociólogo norte-americano Howard Becker – de tal ordem que impede muitas vezes que outras atividades ou setores de suas vidas tenham maiores dimensões⁵⁹.

TRAVANCAS (1993) pontua que, tanto o médico quanto o jornalista têm uma relação passional com a profissão que exercem. Para a autora, a escolha da carreira implica em um nível de

⁵⁶BOURDON, R e BOURRICAUD, F. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo:Ed. Ática. 2000

⁵⁷(COELHO, 1999, p. 28-29) apud (FRANZOI, 2003, p.35)

⁵⁸TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas: um estudo antropológico sobre identidade e carreira em camadas médias*. São Paulo. Summus. 1993. p. 67

⁵⁹(TRAVANCAS, 1990, p. 13)

adesão que as conseqüências do labor refletiriam na vida privada. “É como se a profissão, no caso do Jornalismo, já se tornasse uma característica própria e, portanto, inseparável do seu ‘eu’”⁶⁰.

BOURDON (2000) afirma que as profissões, de modo geral, reivindicam certa autonomia na divisão de trabalho, em relação à hierarquia administrativa. Alguns exemplos seriam os advogados que não precisam prestar informações sobre seus clientes em investigações (preservando-os de incriminações), assim como os jornalistas que não são obrigados a revelar suas fontes de informação. Essa autonomia frequentemente é postulada em acordos de categoria (convenções coletivas, códigos de ética)⁶¹.

Tipologias

LATTMAN-WELTMAN (1992) estabelece tipologias sobre o jornalista como profissional ou empregado. Não são exaustivas e muitos menos universais. Trata-se apenas de tipologias destinadas a permitir a visualização da diversidade de identidades profissionais⁶². Utilizaremos os tipos como um mapa, no qual os atores (no caso, os jornalistas) podem transitar.

A identidade *Empregado como jornalista* valoriza a ocupação como emprego, uma fonte de remuneração material básica, num ramo profissional pelo qual se sentiria atraído em função do gosto previamente adquirido pela escrita. Para o autor,

-Apresentaria uma trajetória vocacional errática com experiências anteriores em atividades próximas ao labor jornalístico. Não se sentiria muito comprometido com a “profissão” e sua auto-imagem e seus ideais (isenção, objetividade, utilidade pública etc) (...) Demonstraria acreditar que tais ideais deveriam nortear toda a prática jornalística, porém, de certo modo, se sentiria por descompromissado em segui-los mais fielmente e de defendê-los. (...) Demonstraria um apego menor pela “carreira” não só porque a ascensão nas hierarquias implicaria em custos –encargos, responsabilidades, aumento da extensão e da intensidade da jornada de trabalho etc- que muitas vezes não corresponderiam a ganhos materiais

⁶⁰(TRAVANCAS, 1990, p.71)

⁶¹Na sociologia de WEBER (1994), a profissão exige necessariamente essa autonomia obtida por meio da “especialização e combinação dos serviços de uma pessoa que, para esta, constituem o fundamento de uma possibilidade contínua de abastecimento ou aquisição” (WEBER. Max. *Economia e Sociedade*. Brasília. UNB. 1991. p. 91)

⁶²“Cada tipo deve ser compreendido como um ‘constructo’ teoricamente coerente (e, portanto, forçosamente arbitrário, mesmo que minimamente) de identidades profissionais que se inserem relacionalmente num mesmo campo social determinado; quer dizer: cada tipo compartilha, como os outros, de certas características definidoras, distinguindo-se de todos, porém pelo arranjo específico que apresenta de tais características” (LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 69)

proporcionais, mas também porque a subida provavelmente implicaria em um maior comprometimento com a empresa (...);

-Tenderia a avaliar certas condições de trabalho positivamente – a existência de horário flexível e pouco pesado, espaço para iniciativas e decisões, grua médio/baixo de formalização de tarefas etc;

-Situar-se-ia em editorias pouco prestigiadas e se sentiria praticamente ignorado pela empresa, o que não seria uma sensação vivenciada de modo ressentido; o desinteresse seria recíproco;

-consideraria a remuneração baixa, mas suficiente (ao menos de acordo com o estágio atual de seus projetos de vida);

-manifestaria criticamente à hierarquia da empresa suas materializações eventuais com relação ao controle técnico-ideológico sem se mostrar muito incomodado com isso;

-não teria planos definidos quanto ao seu futuro na empresa ou na profissão; tanto poderia sair (se recebesse uma proposta mesmo sendo pouco notado pelo mercado de trabalho por não se esforçar muito no labor cotidiano);

-seria o profissional dominado por uma espécie de ceticismo (...) tendendo a incorporar uma atitude de distanciamento e não comprometimento, seja com a empresa, seja com a identidade profissional de Jornalista⁶³.

A identidade *Jornalista em crise* está associada ao perfil do profissional cuja orientação privilegiaria o caráter de profissão de sua ocupação, ou seja, o comprometimento com a idéia de ser um jornalista: dotado de um conhecimento empírico e de competências específicas com aptidão ao desempenho de uma tarefa de algum modo necessária à sociedade. A insatisfação pessoal fundamenta este tipo. Há a presença de muitos conflitos ideológicos que instauram uma crise existencial. O problema é com a estrutura institucional dentro da qual trabalha. Para o autor,

- apresentaria, em segundo plano, certa valorização da ocupação enquanto uma “carreira”, subordinada, no entanto, à orientação prevalescente da “profissão”, de modo que a carreira em questão poderia ser até muito bem vista e desejada, desde que, construída em conformidade com o ideário do profissional jornalístico;

- “emprego”, como jornalista, em si mesmo, seria relativamente muito pouco valorizado;

- o resultado concreto do trabalho, tanto em termos estritamente técnicos, quanto em termos ideológicos, seria o critério decisivo para uma avaliação, seja esta positiva ou não, das condições de trabalho; de tal sorte que qualquer um de seus aspectos concretos (jornada de trabalho, graus de autonomia etc) seria basicamente avaliado em função do produto final, ou seja, más condições poderiam ser consideradas até como pouco relevantes ou incômodas se o produto for considerado bom, e vice-versa. Daí que condições de trabalho adversas podem

⁶³(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 72-74)

até ser citadas com uma ponta de orgulho, se o resultado do esforço for considerado positivo;

-se sentiria desprestigiado pela empresa; em termos pessoais ou por situar-se numa editoria desprestigiada. Tal desprestígio seria vivenciado de forma ressentida, seja por considerar o produto do próprio trabalho como digno de maior consideração, seja em função de uma idéia a respeito do próprio potencial, que não estaria sendo explorado convenientemente; se sentiria subestimado;

-o salário seria considerado baixo e até mesmo indigno, seja frente à responsabilidade social da profissão, seja no que respeita ao nível sócio-cultural em que se situaria, numa espécie de hierarquia social informal;

-não pretenderia continuar indefinidamente na empresa, mas, a rigor, não teria grandes perspectivas; ficando, provavelmente gostaria de manter-se na função atual, mas com outra situação de prestígio e salário (o que poderia implicar, por exemplo, na saída de uma editoria pouco prestigiada); saindo, as possibilidades de saída da imprensa, para um área próxima⁶⁴

A identidade *Repórter Engajado* trata de um jovem profissional, tanto na idade quanto na experiência de trabalho da área. LATTMAN-WELTMAN (1992) o chama de “romântico repórter”⁶⁵, em pleno processo de construção da carreira. Há uma distinção entre o “engajado” e o “em crise” no sentido da autoconfiança. Para ao autor,

-considera sua ocupação primordialmente como “profissão”, assim como o tipo “em crise”. E na seqüência viriam o sentido de “carreira” e “emprego”. Por ter uma inserção de cunho profissional, poderia evoluir para um engajamento mais especificamente político e/ou partidário, pois o repórter estaria comprometido, acima de tudo, com os ideais de serviço da profissão, e com o seu labor característico, tal como o senso comum e os estereótipos o traçam (o expectador privilegiado da história, olhos e ouvido do público etc). Daí, este jornalista ser um típico repórter;

-uma carreira de sucesso seria bem-vinda e desejada; desde que, não pusesse em jogo a imagem do profissional comprometido antes de tudo com a notícia (e não com uma empresa, por exemplo), não sendo a atividade um simples emprego;

-as condições de trabalho seriam enfatizadas mais negativamente e confrontadas com os ideais de serviço da profissão que teriam forte apelo na auto-identidade. Desse modo, o fato destes “repórteres” geralmente trabalharem em editorias cujo peso e prestígio seriam consideráveis. Fariam com que os controles técnicos e ideológicos fossem mais rigorosos e que a questão de isenção se colocasse mais dramaticamente, favorecendo o aparecimento de crises éticas e de confrontos com a hierarquia e a linha do jornal;

- consideraria tem sido injusta no julgamento que faz de seu trabalho; reconheceria a existência de manifestações de apreço (elogios, indicações para tarefas mais prestigiadas etc)

⁶⁴(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 75-77)

⁶⁵(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 79)

por parte de superiores imediatos. Mas se ressentiria da ausência de uma efetivação deste apego em termos de salário, que seria considerado relativamente baixo;

-situar-se-ia em editorias diversas, com níveis distintos de prestígio na redação, mas sempre com algum prestígio;

-Não faria planos de continuar na empresa. E nem no ramo. O comprometimento com o “ser jornalista” e com os ideais de serviço da profissão não se arrefeceriam. Persistiria o desejo de fazer um bom trabalho, um trabalho útil, nos moldes preconizados pelo ideário jornalístico⁶⁶

A identidade *Profissional da notícia* contempla um perfil muito particular de equilíbrio e estabilidade. Para LATTMAN-WELTMAN (1992), o comprometimento desse jornalista com os ideais do Jornalismo seria acompanhado pela noção de que tais idéias só poderiam ser postos em prática numa estrutura maior de grande redação. A primeira noção de relação com o labor é a de emprego. Acredita na profissão e na carreira como subsidiadas pelo exercício do ofício em uma empresa jornalística. Dentre outras características, pontua-se como contornos

-o caráter subordinado da orientação para a carreira deve ser compreendido não como ausência de interesse ou ambição, mas sim como sinal do apego e da valorização que este tipo demonstraria com relação ao seu ofício, em conjunção com a satisfação e o conforto manifestado em relação à sua situação atual (seus níveis de prestígio, de remuneração, seus encargos e responsabilidades específicos e limitados da rotina de trabalho)

-este tipo teria uma situação confortável se sentindo, ao menos, razoavelmente prestigiado, seja em termos pessoais ou através de sua editoria. E com uma remuneração que mesmo se considerada baixa, em termos absolutos, não o seria em termos relativos. A auto-avaliação de sua situação seria sempre mediada pelo simples fato, em si mesmo já positivo, de estar devidamente empregado no seu reduzido mercado de trabalho e numa grande e importante redação (de modo que somente uma alteração dramática dos referenciais prestígio/remuneração e de seus conteúdos seria capaz de romper com este estado de relativa harmonia);

-sua perspectiva, não muito definida, seria a de continuar na empresa. Aumentos e promoções seriam bem-vindos, inclusive com aumento das atribuições e responsabilidades, desde que, não implicassem numa alteração drástica da rotina de trabalho que viesse a impedir ou sacrificar atividades desempenhadas com satisfação⁶⁷.

A identidade *O que veste a camisa* é mais engajado no sentido profissional que o seu anterior *Profissional da notícia*. A idéia de carreira é mais valorizada, mas ainda subsidiária do emprego. Algumas concessões no âmbito organizacional em detrimento de concepções pessoais não seriam obstáculos no trabalho. Desta forma, o sucesso profissional é projetado como o norte. O

⁶⁶(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 77-80)

⁶⁷(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 81-82)

mercado de trabalho interno (a instituição) é mais importante do que o externo (outras empresas e a categoria jornalística). LATTMAN-WELTMAN (1992) acha que esse jornalista tem como limite o céu, desde que, “seja um céu acessível (num prazo não muito longo) e iluminado pelas constelações específicas do ‘metier’ jornalístico”⁶⁸. O autor destaca que

-por vestir a camisa da empresa simplesmente não se distingue dos demais colegas de trabalho. Por isso, investe num sentimento de responsabilidade para com o jornal, como também, de cumplicidade, de comunhão entre seus interesses e os da estrutura que o emprega;

-a ênfase na carreira está em segundo plano. Em primeiro está a noção de emprego de modo a conformar um padrão de comprometimento com a empresa que deixa à profissão em uma posição relativamente marginal e pouco relevante, de tal ordem que praticamente não se poderia nem mesmo pensar a possibilidade deste profissional vivenciar o que chamamos de uma crise ética;

-necessidade de realizar um produto jornalístico sempre melhor. Este “melhor” seria balizado em termos estritamente técnicos (...) haveria um comprometimento regular não exatamente com os ideais da profissão, mas sim a traduções (e, conseqüentemente, a reduções) processuais destas, sob a forma de técnicas e/ou regras de Objetividade Jornalística;

-de modo geral, este tipo se consideraria numa posição confortável nas hierarquias formais e informais da redação. Considerar-se-ia prestigiado (sejam em termos pessoais, seja pela função ou setor) e, principalmente, se veria numa trajetória ascendente de carreira;

-evidentemente não só continuaria na empresa como também teria a intenção de subir (mesmo já estando no alto, a subida seria de caráter mais informal: mais prestígio, maior remuneração, maior poder etc). Acreditaria realmente nesta possibilidade. É claro que convites externos seriam bem recebidos (inclusive como instrumento de barganha e autovalorização pessoal)⁶⁹.

A identidade *Homem de Imprensa* valoriza a ocupação como sendo um estágio da carreira. Quer a ascensão na hierarquia da organização, mas é apegado mais à profissão do que ao emprego. Ao contrário da tipologia “o que veste a camisa”, o jornalista tem horizontes profissionais além do mercado de trabalho interno (instituição). LATTMAN-WELTMAN (1992) diz que o emprego teria um caráter não tão relevante e mesmo até provisório em sua escala de valores. Seria apenas uma etapa, ou o momento atual de um “continuum”⁷⁰: a carreira deste profissional da imprensa. Tem-se como características,

⁶⁸(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 84)

⁶⁹(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 82-84)

⁷⁰(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 85)

-mesmo exercendo cargo de confiança, assumindo responsabilidade, atribuições de chefia (comprometendo-se com a estrutura de poder da empresa) este jornalista sempre procuraria preservar uma espécie de aura profissional, manifestada num discurso onde os ideais da profissão estariam sempre presentes, e consubstanciada num relativo grau de autonomia pessoal que lhe permitira não se sujeitar aos imperativos da instituição;

-o arranjo carreira/profissão pode ser visualizado melhor pelo fato de que os tipos *Jornalista em crise* e *Repórter Engajado* também avaliaria a sua situação profissional, mediada em função do resultado concreto de seu trabalho (assim como também não se importaria muito com as dificuldades e com o desgaste do dia a dia). Contudo, aqui a avaliação do trabalho tenderia a incorporar também a avaliação do jornal como um todo, ou ao menos da editoria pela qual este profissional responderia, ou seja, haveria uma fusão maior entre o trabalho pessoal e o jornal (e não exatamente a empresa), em relação aos méritos técnicos da instituição.

-seria um profissional que seguramente já teria um nome no mercado de trabalho externo e que exerceria funções de prestígio;

-a remuneração não seria exatamente um problema. O seu prestígio pessoal pode lhe garantir um salário relativamente bom;

-justificaria a existência de uma hierarquia da redação em função dos chamados imperativos industriais (prazo e imposições do parque gráfico e da publicidade) e da linha editorial do jornal⁷¹.

O último tipo descrito é a identidade *Em fim de carreira* cuja orientação privilegia o emprego, como forma de remuneração material básica. Ao contrário do “empregado como jornalista”, tem como subsidiária a carreira e não o sentido de profissão.

Para LATTMAN-WELTMAN (1992), significa dizer que o apego ao caráter emprego, nesse caso, seria inseparável de um alto grau de comprometimento com a empresa, que o mantém empregado no metier. Como não se trata de um profissional jovem (tanto em idade quanto em experiência) seria o oposto do *Repórter engajado*.

-a situação deste profissional poderia ser definida como contendo basicamente uma única categoria definidora: o salário, que mesmo sendo, em certos casos, baixo, seria considerado relativamente bom (ao menos nas situações mais desfavorecidas, frente à alternativa de uma aposentadoria). O prestígio pessoal não seria nunca muito grande, independentemente dos graus de prestígio específicos da função e/ou da editoria;

-à parte a intenção de, enquanto for possível e necessário, permanecer no emprego, as perspectivas (e pretensões) desse jornalista seriam praticamente nulas⁷².

⁷¹(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 84-87)

⁷²(LATTMAN-WELTMAN, 1992, p. 87-88)

Cada tipologia apresentada corresponde a tipo-ideal. São arranjos determinados de hierarquização de categorias de orientação. É a melhor forma de vislumbrar a relação do jornalista com o trabalho dentro das categorias emprego, profissão, carreira e ofício, da Sociologia.

Conclusão

Sabe-se que a profissão emerge de uma demanda social. A transformação de uma atividade geral em profissão específica é verificável na história. Tradicionalmente, em outros países, as atividades de jornal e notícia são privativas dos jornalistas. E o ofício, nas assessorias de imprensa, dos profissionais de Relações Públicas (RPs). Contudo, no Brasil, há uma caracterização peculiar desse labor como sendo do jornalista. E, neste aspecto, até pela limitação de ser um artigo, não pudemos expor de maneira específica o caso brasileiro, no que tange o processo de estruturação da profissão de jornalista.

De forma breve, buscamos várias reflexões sobre o trabalho jornalístico enquadrando-o em categorias bem tradicionais da *Sociologia das Profissões* no intuito de discutir níveis de adesão ao ofício em Jornalismo, ao referencial de conhecimento do labor, sua função social e história condensada. Resgatando autores brasileiros que já trabalharam questões sociológicas e antropológicas bem densas em relação ao trabalho e à profissão de jornalista, dentre os quais citam-se: FOLQUENING (2002), LATTMAN-WELTMAN (1992), PACCOLA (2003), RIBEIRO (1994), TRAVANCAS (1993). Tais trabalhos fazem reflexões, contextualizadas neste artigo, e contribuíram muito para essa discussão, principalmente nos anos 90.

Bibliografia

- AZEVEDO, Mário. *Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu* in *Revista Espaço Acadêmico*, ano III, nº24, maio de 003. Acessado em 10-11-2011. <http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm>
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOURDON, R e BOURRICAUD, F. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo:Ed. Ática. 2000
- DURKHEIM, E. *A divisão do trabalho social e Lições de sociologia: a moral, o direito e o estado*. Várias edições. Livro I, Capítulo VII: Solidariedade orgânica e solidariedade contratual); 2000.

- FRANZOI, Nara. ***Da profissão como profissão de fé ao “mercado em constante mutação” trajetórias e profissionalização***. Tese (Doutorado em Educação), UNICAMP. 2003.
- FREIDSON, Eliot. ***A framework for the comparative study of professions***. Paper preparado para a conferência da ANPOCS. Mimeio. 1995.
- FOLQUENING, Vitor. ***O Jornalismo é um Humanismo***. Pós-Escrito. Curitiba. 2002.
- LAGO, Claudia. ***O Romantismo morreu? Viva o romantismo. O Ethos romântico no jornalismo***. Tese (Doutorado em Comunicação), USP. 2002
- LAGO, Claudia. ***De romântico e de louco... Reflexões sobre o romantismo jornalístico***. Acessado em 10-11-2011. Disponível em www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/2003/lago2003.doc.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. ***Jornalistas: agenciando a cidadania, publicizando o privado***. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFRJ.1992.
- LOPES, Fernanda. ***Auto-referenciação e construção da identidade jornalística***. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFRJ. 2007.
- MENDES, Ricardo. ***As disputas no campo profissional do jornalismo***. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFSCAR. 1997. p. 17
- Dicionário Aurélio On-line, <http://www.aureliopositivo.com.br/aurelio/default.asp> . Acessado em 10-11-2007.
- ORTIZ, Renato (org.). ***Pierre Bourdieu***. Col. Sociologia. Ática, SP, 1983.
- PACCOLA, Carina. ***Um retrato de quem retrata o mundo: um estudo sobre a estruturação da prática profissional dos jornalistas***. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UEL. 2003
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. ***A ética como fator de resistência no jornalismo***. PUCSP. PARSONS, T. ***The social system e The professional and social structure***. Glencoe, Illinois: The Free Press , 1951
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. ***Sempre Alerta- condições e contradições do trabalho jornalístico***. São Paulo, Olho d'Água/ Brasiliense, 1994.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. ***A ética como fator de resistência no jornalismo***. PUCSP. PCLA. Volume 3. número 1. dezembro 2001
- RIBEIRO, Lavina Madeira. ***Imprensa e esfera pública: o processo de institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)***. Rio de Janeiro. E-papers. 2004.
- STOQUE, Lucas. ***Tudo por uma paixão***, acessado em 10-11-2011. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da20042000.htm>
- STEINBERGER, Margarethe. ***A ética do jornalismo latino-americano na geopolítica da pós-modernidade***. In Dowbor, Ladilau; Ianni, Octávio; Resende, Paulo-Edgar A.; Silva, Hélio (orgs.) ***Desafios da comunicação***. Petrópolis. Vozes. 2000.
- SILVA, Juremir. ***A miséria do jornalismo brasileiro: As (in)certezas da mídia***. Petrópolis, Vozes, 2000
- TRAVANCAS, Isabel. ***O mundo dos jornalistas: um estudo antropológico sobre identidade e carreira em camadas médias***. São Paulo. Summus. 1993.

WEBER, M. (Economie et société. Tradução francês Chavy et de Dampierre. Paris: Plon, 1971

WEBER, Max. ***Economia e Sociedade***. Brasília. UNB. 1991. p. 91

WEBER, Max. ***A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo***. 4 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.